

Dr. Robert A. Peterson, Humanidade e Pecado

Sessão 12, Descrição Bíblica do Pecado Continuada, A Queda, Cristo e o Pecado

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson e seus ensinamentos sobre as doutrinas da humanidade e do pecado. Esta é a sessão 12, Descrição Bíblica do Pecado Continuada, A Queda, Cristo e o Pecado.

Continuamos nosso estudo da doutrina do pecado.

Vamos pedir a ajuda do Senhor. Pai gracioso, obrigado por sua palavra, sua santa palavra. Ao estudar esses tópicos, somos confrontados por nossa própria impiedade. Dê-nos graça para andar com você, para amá-lo mais, para crescer na graça e no conhecimento de Cristo, em cujo nome oramos. Amém.

Estamos terminando a descrição bíblica muito útil de John Mahoney sobre o pecado. Acabamos de dizer que o pecado é enganoso. Vimos isso em ambos os Testamentos. A última descrição do pecado para Mahoney é esta.

O pecado teve um começo definido na história humana e finalmente será derrotado. A história bíblica surge de três eventos históricos: a criação do universo, a intrusão do pecado e a redenção realizada por Cristo. É um drama em três partes: o começo feliz, a rebelião trágica e o final espetacular.

A história começa com um plano para criar um mundo que reflita a maravilha e a majestade do Criador, Apocalipse 4:11, onde louvor é oferecido a Deus. Digno és, nosso Senhor e Deus, de receber glória, honra e poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existiram e foram criadas. Tudo o que ele cria é bom.

A coroa dessa criação carrega sua imagem exclusiva e é declarada muito boa, Gênesis 1:31. Neste mundo idílico, Deus comunga com sua criação em perfeita harmonia. Com a primeira aparição do pecado, primeiro entre os seres espirituais que foram criados para servir a Deus, e então entre seus portadores de imagem pessoal, parece que o Criador perdeu o controle de sua criação. Com o pecado do primeiro casal no Éden, no entanto, ele imediatamente começa um projeto de recuperação.

Em vez de destruir tudo o que criou, ele começa o lento e tedioso processo de recuperar o mundo e as pessoas que criou. Cada novo passo em direção à recuperação final reflete seu envolvimento pessoal. Em um ato incrível de sacrifício pessoal e amor, ele envia seu filho ao mundo caído dos pecadores.

Por meio de sua morte e ressurreição, o Criador triunfa sobre todos os seus inimigos. Sua glória é brilhantemente exibida, e seu povo é liberto da terrível escravidão à carne, ao mundo e ao diabo. Finalmente, o Senhor vitorioso retorna como um rei triunfante e, em uma demonstração final de admiração, de sua criação.

Que história incrível é essa. Toda a varredura da história humana é sua história. João escreve em Apocalipse 21:1 a 4, Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, e ele habitará entre eles, e eles serão o seu povo. E o mesmo Deus estará no meio deles, e enxugará dos seus olhos toda lágrima.

E não haverá mais morte, não haverá mais luto, nem choro, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram. Isso conclui a descrição de Mahoney sobre o pecado. Quero continuar com sua introdução à doutrina do pecado porque ela é, eu acho muito útil.

O paradigma pré-queda, ele o chama. Tradicionalmente, a estratégia para descobrir a essência do pecado envolve projetar o que sabemos sobre o pecado a partir das escrituras, bem como nossa própria experiência pós-queda, sobre o Adão pré-queda. Para nós, todo pecado se origina em um coração incrédulo e orgulhoso.

Outras opções adotadas por teólogos além do orgulho e da descrença incluem ansiedade, egoísmo, sexualidade, preguiça e falsidade. Mas a descrença ou o orgulho são a raiz do pecado de Adão? Certamente não estamos discutindo que a descrença e o orgulho desempenharam um papel na tentação, mas levantar questões, refletir a dúvida humana e levar a seguir seu próprio caminho, o orgulho humano, não eram um pecado para Adão até que ele agiu sobre eles ao tomar o fruto. O pecado de Adão foi contíguo à intrusão da morte como julgamento de Deus, Gênesis 2:17. No dia em que você comer dele, o fruto proibido, você morrerá.

Durante a tentação no Éden, Agostinho supôs, por exemplo, que Adão se tornou orgulhoso e cedeu à sua descrença, o que resultou em tomar o fruto proibido. A implicação é que Adão entrou no estado de descrença pós-queda, que é pecaminoso e foi corrompido antes que ele realmente comesse o fruto. Mas para Adão, a descrença era uma escolha.

Ele escolheu não continuar acreditando ao desobedecer a um comando direto do criador. O ato rebelde de Adão é a raiz de todo pecado, não seu orgulho. O contexto

de Adão é esclarecido quando visto da perspectiva do caráter humano sem pecado de Cristo.

Nesse sentido, Jesus é a expressão da humanidade pré-queda e nos concede uma visão da retidão moral de Adão pré-queda. Os motivos e atitudes de Jesus ao longo de sua vida terrena se alinharam com sua natureza sem pecado. O mesmo é verdade para Adão.

É claro que Adão permaneceu sem pecado, mesmo quando ele contemplou comer o fruto. Ele se tornou um pecador somente quando ele escolheu desafiar o comando do Senhor da aliança. A tentação que ele encontrou procurou levá-lo a agir independentemente do criador soberano, mas não porque ele já estava corrompido pelo orgulho e pela descrença.

Se assim for, ele teria sido um pecador antes de realmente pecar. A questão levantada é a bondade da criação original, bem como a retidão original de Adão. Se Adão foi criado imaturo, como Irineu sustentava, ou era moralmente neutro, como os arminianos afirmam, sua retidão original é desafiada.

Parece fazer de Deus o verdadeiro autor do pecado porque Adão não tinha a habilidade de buscar a retidão dentro do contexto de uma natureza justa e sem pecado. Estrategicamente, uma grade pré-queda ou perspectiva cristológica esclarece para nós a perspectiva de Adão em relação à tentação e ao pecado. Compreensivelmente, Satanás apelou para as áreas de limitação humana sem pecado do primeiro par, como seu desejo de aprender e experimentar coisas novas.

A retidão moral não requer onisciência, talvez nem mesmo seu senso de direito, dada sua posição de portadores de imagem na criação e a capacidade exclusiva de escolha entre todas as opções. Adão tinha uma posição única em relação ao resto da criação. O esquema de Satanás então era provocá-los a questionar o criador, especialmente à luz de um fruto proibido.

O criador havia traçado uma linha. Assim, a intenção de Satanás era fazer com que o par sentisse que o criador estava retendo algo bom deles. A perspectiva era que esse fruto continha a chave para todo o conhecimento, que eles certamente foram criados para buscar, bem como um portal para sua própria divindade.

Adão enfrentou uma escolha entre obedecer ao criador ou desconsiderar a proibição de Deus e agir por iniciativa própria. Talvez, como CS Lewis explica, Adão e Eva quisessem algum canto no universo do qual pudessem dizer a Deus, este é o nosso negócio, não o seu, mas não existe tal canto. Eles queriam ser substantivos, mas eram e eternamente devem ser meros adjetivos.

CS Lewis, *The Problem of Pain*, 1962. Tudo o que podemos afirmar com certeza é que o pecado para Adão foi um ato de rebelião, comer o fruto que Deus lhe havia ordenado que não comesse. Ele escolheu um caminho não ordenado por Deus, e esse desvio no ato produziu desvio total em sua natureza.

Ele pode ter desejado algum canto do universo independentemente de Deus, mas não temos certeza disso. Ainda nos resta questionar por que um ser sem pecado escolheu o pecado. Medir o estado pré-queda de Adão pela vida sem pecado de Cristo pode fazer essa abordagem parecer estranha inicialmente.

A implementação de Cristo como uma grade não muda substancialmente o que já sabemos sobre o pecado, mas certamente esclarece o estado interior de Adão durante a tentação. Dessa forma, a essência do pecado recebe uma objetividade necessária. Aqui está a visão geral.

O pecado de Adão foi um ato de rebelião contra o comando declarado de Deus, cometido em um contexto específico no qual uma escolha final teve que ser feita, uma escolha com consequências devastadoras. Essa escolha foi feita por um justo e, portanto, o representante qualificado para quem a desobediência era um ato de sua pessoa inteira e uma contradição total de sua direção moral. Várias características críticas dessa proposta precisam de algum comentário.

Primeiro, todo pecado começou com um ato de rebelião. Básico para essa desobediência é a presença de um componente positivo e um negativo. O componente positivo é a afirmação de direitos pessoais, e o componente negativo é a rejeição ou a derrubada dos direitos daquele que deu o comando.

Toda desobediência carrega essas características gêmeas. Outro aspecto da nossa definição proposta é a existência de um comando declarado. Obviamente, o comando tem uma figura de autoridade que o emitiu.

Além disso, aquele a quem foi dado o comando o entendeu e teve uma escolha clara de obedecer ou desobedecer. A direção de sua natureza era em direção à retidão. Terceiro, a essência do pecado só pode ser vista na mudança da retidão para a injustiça.

Isso requer um contexto específico para teste e um representante nomeado que seja inteiramente justo. Finalmente, tal como a obediência tem efeitos devastadores. Intensivamente, depravação total.

Extensivamente, universal. E eternamente, sem parar, punição sem fim no inferno. Contexto da aliança.

Uma das características mais proeminentes do relacionamento divino-humano é seu contexto de aliança. Deus se relaciona com todas as pessoas por meio do instrumento de uma aliança. Alianças bíblicas eram inauguradas por meio de mediadores ou representantes nomeados.

Noé, Abraão, Moisés. No caso da provação moral, o Senhor nomeou dois representantes. Teologicamente falando, os dois Adãos constituem o começo e o fim da sociedade humana. ” Marguerite Schuster, *The Fall and Sin* . O que nos tornamos como pecadores.

Na verdade, Paulo indica claramente representação em Romanos 5:12 e o seguinte. Concordo fortemente. Lembretes do papel de Jesus como representante ocorrem ao longo de seu ministério.

Em seu batismo, Jesus se identificou com as pessoas que ele tinha vindo para redimir. Mateus 3:15. O teste moral de Jesus era aprender a obediência.

Hebreus 5:8. Para se tornar um sumo sacerdote compreensivo. Hebreus 2:17, 18. Sua obediência completa, chamada obediência ativa, cumpriu todas as exigências da lei moral.

A obra substitutiva de Cristo na cruz, chamada obediência passiva, é identificada por Paulo como representacional. Romanos 5:18, 19. Novamente, concordo.

Até mesmo sua ressurreição virtuosa, até mesmo sua, desculpe-me, ressurreição vitoriosa, é realizada nos crentes porque ele nos representa. 1 Coríntios 15:22. Esses dois representantes estavam posicionados de forma única e são paralelos entre si de muitas maneiras.

Eles eram portadores da imagem no sentido mais alto da expressão. Ambos eram reflexos perfeitamente perfeitos do desígnio de Deus para a humanidade. Eles também eram justos em caráter, sem propensão ao pecado.

Segundo, Adão e Cristo experimentaram a humanidade em total dependência do criador. Eles estavam vivos espiritualmente e viviam somente para servir aos propósitos de Deus. De acordo com Paulo, o projeto original de Deus era a produção de boas obras.

Efésios 2, 10. Na verdade, acho que isso pode não falar da criação, mas da nova recriação, como eu disse antes, e ainda assim o ponto permanece. Certamente, Deus queria que Adão e Eva produzissem boas obras.

Em seguida, os representantes da aliança eram ambos *pose non peccare* , capazes de não pecar, e *pose peccare* , capazes de pecar. Eles são os únicos humanos que

estavam nessa posição única com relação ao pecado. Capazes de não pecar, capazes de pecar.

A linguagem vem de Santo Agostinho, é claro. Finalmente, ambos os representantes experimentaram testes chamados de provação. O agente, o objetivo e a substância dos testes eram os mesmos.

Agente, o diabo, objetivo e substância do teste eram os mesmos. Os resultados do teste foram muito diferentes, no entanto. Nesse sentido, Adão falhou no teste ao desobedecer à ordem de Deus.

Ele fez uma única escolha errada. Por outro lado, Cristo manteve a obediência durante toda a sua vida. Ele escolheu perpetuamente a retidão.

Há outras diferenças. Por exemplo, o contexto físico de Adão era imaculado. Cristo veio a um mundo muito caído.

Adão não tinha tradição religiosa ou história para influenciar suas decisões. Cristo veio durante um tempo de severo escrutínio religioso. Adão possuía um caráter justo e não testado.

Cristo também possuía um caráter justo não testado como humano, mas tinha o caráter justo de Deus, não pose peccare, não capaz de pecar, assim como de querer. Jesus era, afinal, Deus em carne. Ele era santo, e Deus estava até além da tentação, mas ele foi tentado porque era completamente humano.

Concordo. As duas naturezas de Cristo lhe deram a capacidade de enfrentar a tentação real, bem como uma capacidade infinita de experimentá-la. Ele é nossa principal razão para explorar a essência do pecado.

Aqui está nossa principal razão para explorar a essência do pecado. Pelas lentes de Cristo. Aplicação das lentes.

Três questões são claras nas escrituras. Cristo era completamente humano. Ele era completamente sem pecado, e ele era Deus encarnado.

Essas três características da lente o qualificam para o teste e permitem que ele experimente a medida completa do teste. Ele encontrou o pecado assim como Adão, mas com muito mais em jogo e com muito mais intensidade. O fracasso teria comprometido sua missão de glorificar o Pai e redimir os pecadores, liberando assim a ira de Deus sobre todos os humanos, sem esperança de redenção para eles.

Cristo era completamente humano por escolha. Ele também era sem pecado por natureza e por escolha. A submissão perpétua de sua vontade ao sacrifício de sua vida humana é a base de nossa redenção.

Hebreus 10:10. Primeiro de tudo, a humanidade de Cristo lhe concedeu a capacidade de ser testado. Por meio da encarnação, Cristo experimentou todas as limitações da experiência humana. Ele foi limitado fisicamente pelo tempo e espaço, pelo simples processo de maturação, Hebreus 2:40, pela dependência humana do mundo físico ao seu redor, fome, sede, cansaço, ansiedade, medo, choro e a ameaça de doença ou ferimento, desde o resfriado comum até a cárie dentária e bolhas por trabalhar com as mãos.

Jesus era limitado mentalmente. Ele teve que aprender, Lucas 2:40 e 52 e frequentemente pedia informações, João 11:34. Embora tivesse grande clareza sobre os eventos do fim dos tempos, ele admitiu que não sabia o tempo de seu retorno, Mateus 24:36. Jesus também era limitado psicologicamente. Ele suportou emoções geradas pelo ódio e rejeição de seu inimigo, bem como a descrença e a condição desamparada das pessoas que ele veio salvar.

Finalmente, ele estava limitado dentro de sua espiritualidade humana. Ele passou muitas noites em oração e adoração, Marcos 1:35, Mateus 14:23, e lamentou que não conseguiu compartilhar algumas verdades espirituais profundas com os discípulos, João 16:12. Cada uma dessas áreas entrou em jogo durante seus muitos testes. Cristo também foi a expressão mais plena e clara da imagem de Deus.

Quando vista dimensionalmente, a imagem original tem três componentes. Primeiro, o aspecto estrutural é composto de racionalidade, moralidade, volição, emoção, criatividade e espiritualidade. Phil Hughes, a verdadeira imagem.

Jesus refletiu cada um desses componentes e os manteve em perfeito equilíbrio. Em estrutura, somos paralelos a Cristo, embora estejamos caindo. A seguir, está a capacidade funcional da imagem.

Este é o centro operacional. Os pecadores estão espiritualmente mortos, o que se reflete em nossas transgressões e pecados, Efésios 2:1. A capacidade original de desejar a Deus e persegui-lo em retidão foi perdida na queda. Não temos retidão contingente por meio da qual a imagem de Deus em nós é direcionada.

Jesus, no entanto, era justo, e a operação da imagem nele era motivada e até mesmo compelida pelo ódio ao pecado e um amor pela santidade. Dimensionalmente, então, essa era a orientação divina da imagem. Terceiro, a imagem concedeu à humanidade domínio sobre a ordem criada.

Jesus exerceu esse domínio ao parar uma tempestade furiosa, andando sobre as águas e multiplicando pães e peixes. Eugene Merrill também observa o relato interessante do imposto do templo de Jesus na boca de um peixe, Mateus 17:27. Ele observa, entre aspas, embora novamente alguém possa alegar milagre aqui, ele poderia igualmente ser explicado como a consequência natural do homem sem pecado, M maiúsculo, invocando o privilégio da aliança da criação original na qual ele teria domínio sobre os peixes do mar, entre aspas. Eu votarei em milagre, mas é um conceito interessante.

Eugene Merrill, uma teologia do Pentateuco em uma teologia bíblica do Antigo Testamento. Jesus não era apenas totalmente humano, mas também era sem pecado e, portanto, completamente único. Em todos os seus pensamentos, atitudes, motivos, palavras e ações, ele era sem culpa diante de um Deus santo, citação, e aquele que me enviou está comigo.

Ele não me deixou sozinho, pois sempre faço as coisas que lhe agradam, João 8:29. Ele desafiou a elite religiosa de seus dias, “quem de vocês me convence de pecado?” João 8:46. Eu disse a meus alunos e a mim mesmo, não digam isso aos seus oponentes. Uma péssima ideia. Mesmo no contexto das limitações e desafios humanos, Jesus viveu plenamente para honrar e magnificar o Pai.

Seus seguidores afirmaram claramente seu caráter justo. Pedro, que o conhecia melhor, declarou que Jesus, cita, não cometeu pecado, nem houve engano algum em sua boca, 1 Pedro 2:22. Por mais sem pecado, por mais incrível que isso pareça para um humano, Jesus é chamado de exemplo, um modelo de traçado usado na escrita ou desenho é a palavra, hapogrammatos, cita, pois para isso vocês foram chamados, pois Cristo também sofreu por vocês, deixando-lhes um exemplo para que sigam seus passos, porque não houve engano algum em sua boca, e enquanto era injuriado, ele não injuriava em troca. Enquanto sofria, ele não proferia ameaças, mas continuava confiando naquele que julga retamente, 1 Pedro 2:21-23. A vida sem pecado de Jesus então se tornou um paradigma para todos os humanos, definindo o que é ser totalmente humano.

Paulo e João também afirmaram seu caráter sem pecado: “aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”, 2 Coríntios 5:21, e, citação, nele não há pecado, 1 João 3.5. A terceira característica da lente cristológica era a natureza divina de Cristo. Jesus era um humano com duas naturezas distintas. Cada ato ou pensamento da pessoa de Cristo envolvia uma natureza humana e uma natureza divina.

Ambas eram aparentes ao longo de sua existência humana e permaneceram intactas pela eternidade. Possuir ambas as naturezas o qualificou exclusivamente como nosso sumo sacerdote, que se ofereceu como propiciação pelos pecados. A natureza

humana lhe concedeu a capacidade de morrer por nós, e a natureza divina tornou os sacrifícios eficazes em nosso favor.

Outras facetas de seu ministério terreno exigiam as duas naturezas. Seu ministério de ensino como uma revelação única e final do Pai era contingente ao contexto humano e à autorização divina. Suas afirmações de autoridade e realeza em relação ao reino de Deus como um filho do homem dependem de ambas as naturezas.

No contexto de sua tentação, hesitamos em introduzir a divindade de Cristo. Por um lado, há declarações bíblicas de que Deus não é tentado pelo pecado, Tiago 1:13. Por outro lado, sabemos que as tentações que Jesus enfrentou ao longo de sua vida eram reais. Então, ele simplesmente experimentou seus desafios como um humano? Parece mais confortável limitar a tentação à natureza humana.

Mas isso é impossível porque ele é uma pessoa com duas naturezas. Mas a realidade é que através da encarnação, Deus se uniu à nossa humanidade, mesmo em sua natureza caída. A encarnação concedeu à natureza divina o veículo através do qual ele experimentou certas coisas, como sofrimento, morte e até mesmo tentação.

A natureza humana amadurece moralmente e de todas as outras maneiras. A maturidade moral para um humano depende de testes morais. A natureza divina e humana de Cristo cooperou em cada passo do processo.

De fato, durante toda a sua vida, Jesus enfrentou a intensificação desse teste, culminando na cruz. Assim, ele estava perpetuamente sendo confrontado com escolhas que alimentavam o crescimento. Mas, como Deus, essas escolhas assumiram um significado muito mais profundo.

Ultimacy tornou-se uma característica de cada escolha que ele fez. Obediência à vontade do Pai era sua opção, e a honra do Pai era seu objetivo. Enfrentando o abismo moral.

Mahoney fala sobre estar no Grand Canyon e ver um abismo incrível. Talvez uma nova perspectiva ajude. Com licença.

Depois de falar sobre o Grand Canyon, mas e quanto ao nosso pecado e o abismo que ele cria entre Deus e nós? O que há na natureza do pecado que cria tal distância? É a infinita perfeição moral daquele que é ofendido? Ou está na contradição de que o pecado está diante dele? Talvez uma nova perspectiva ajude. Abordaremos a questão usando a humanidade de Cristo como nossa grade. Já que Jesus possuía uma natureza humana sem pecado que estava unida a uma natureza divina absolutamente santa, o que teria constituído pecado para ele? Percebo que a reação imediata a essa abordagem pode ser ceticismo.

Claramente, Cristo Jesus não pecou, mas ele foi confrontado com isso regularmente. E se ele tivesse cedido ao diabo? Parece que o abismo é melhor visto como um filho de Deus na carne, enfrentando a atração e a possibilidade de desobedecer à vontade do Pai e escolher fazê-lo de qualquer maneira. Sua falha em obedecer em qualquer ponto teria sido incompreensível e catastrófica.

Mas o pecado também é. Somos confrontados com a supremacia do pecado. Do deserto aos longos dias de ministério sem lugar para reclinar a cabeça, do Getsêmani à cruz, sua vontade, desejos e propósitos humanos foram trazidos em perpétua conformidade com os do Pai .

Jesus, como uma citação de filho divino, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e foi aperfeiçoado no processo, Hebreus 5:8. John Brown afirma que esse processo não foi reformador como se Cristo precisasse da disciplina. Além disso, não foi primariamente educacional no sentido de que ele precisava aprender o quão doloroso é o sofrimento humano, especialmente no que diz respeito à obediência. Em vez disso, a expressão obediência aprendida se refere à obtenção de conhecimento experiencial do sofrimento e à consequente plenitude da obediência que ele ofereceu ao Pai na cruz.

John Brown, uma exposição da epístola do apóstolo Paulo aos Hebreus, um escritor puritano que disse muitas coisas boas, incluindo algumas dessas coisas, embora Paulo não tenha escrito Hebreus. O que podemos aprender da prova contínua de Cristo que nos ajudará em nossa busca pela essência do pecado? O primeiro fator é a aliança na qual ele operou. A aliança da graça ou redenção é um formato útil para interpretar o arranjo eterno entre o Pai e o Filho por meio do qual o povo de Deus é redimido.

O Filho abraçou completamente essa aliança e viveu para cumprir cada estipulação que o Pai impôs. A cruz está no centro disso, mas sua obediência perpétua que levou à cruz o qualificou para entrar no ofício de nosso grande sumo sacerdote e se apresentar como o sacrifício pelo pecado. Uma analogia pode ser útil.

Em praticamente todos os empreendimentos humanos, regras definem a atividade. Isso é verdade em relacionamentos. O casamento é construído sobre amor, confiança e lealdade.

Regras são necessárias para fornecer estrutura e definição. O amor como motivo para a ação requer mais do que um mero sentimento para dar direção e propósito. Para um marido declarar seu amor por sua esposa enquanto ele abusa dela fisicamente não é amor de forma alguma.

Jesus vinculou o amor às regras. “ Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”, João 14:21.

E “se alguém me ama, guardará a minha palavra”, João 14:23. Muitas outras áreas podem ser listadas onde regras relacionais se aplicam.

O trabalho, o ministério, a escola, a cidadania, até mesmo os esportes. As regras definem os relacionamentos. Mas Jesus estava obviamente fazendo mais do que jogar um jogo.

Ele estava se conformando a um relacionamento de aliança específico. Assim, neste contexto final em que a majestade de Deus e o estado futuro dos pecadores estavam em vista, as apostas eram altas e as consequências eternas. Dessa perspectiva, qualquer violação da aliança a anulava.

Pecado, então, em qualquer ato de anulação de aliança. Pecado, então, é qualquer ato de anulação de aliança. O segundo fator na provação de Jesus é a tentação em si.

De acordo com o evangelho de Marcos, imediatamente após Jesus ser batizado por João, ele ouviu a afirmação do Pai e foi compelido pelo espírito a ir para o deserto. Marcos 1:9 a 12. Mateus e Lucas preenchem os detalhes para nós.

Por meio dos três testes, o diabo aparentemente questionou a identidade de Jesus, brincou com a confusão de seus desejos e desafiou seu futuro. Compare Russell Moore, *Tempted and Tried, Temptation and the Triumph of Christ*, Crossway, 2011. Certamente, Jesus foi incitado a exercer sua prerrogativa de escolher um caminho diferente daquele traçado para ele pelo pai.

Mas em cada caso, pão, pináculo, nações e escolha alternativa eram uma violação da aliança da graça e uma violação de sua aliança com seu pai. No cerne de cada desafio estava a perspectiva de violar a vontade de Deus e quebrar a aliança com ele. No caso do pão, ele foi desafiado a ceder à sua fome humana, colocando-se assim sob seu controle em vez de confiar na provisão do pai.

No segundo teste, ele foi levado ao pináculo do templo e desafiado a pular para demonstrar sua verdadeira identidade para a multidão abaixo. A isca era a necessidade humana básica de afirmação pessoal ou autoestima. Satanás até citou uma promessa bíblica, mas se Jesus tivesse cedido, ele estaria colocando sua vindicação pessoal acima do caminho de humilhação projetado por seu pai.

Finalmente, Satanás lhe deu um vislumbre de todas as nações e as ofereceu a ele por um simples ato de adoração. Neste caso, o diabo tocou no desejo de Jesus de ser o libertador. De uma forma não tão sutil, Satanás estava buscando receber honra do filho de Deus e derrotar o propósito de redenção que Jesus foi enviado para realizar.

Em cada caso, o pecado para Cristo teria sido o livre exercício de sua vontade contra a vontade do pai expressa por meio de um ato. Um terceiro fator é a liberdade pessoal de Jesus para agir. Jesus possuía liberdade real de escolha alternativa.

Consequentemente, Jesus tinha a capacidade de agir de acordo com sua natureza humana sem pecado ou de agir em contradição a ela. Apenas dois indivíduos possuíam essa capacidade exclusiva: Cristo e Adão. Ambos são únicos na história humana.

Ambos agiram dentro do contexto de uma aliança divina específica, e ambos agiram como representantes. Esta é a razão pela qual o elemento da vontade humana é crucial na redenção dos pecadores. Hebreus 10:10 afirma que é por, entre aspas, esta vontade, a obediência voluntária de Cristo dentro da aliança, que fomos santificados através da oferta do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas.

É por essa vontade que fomos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas. Coração da questão. Vários assuntos se tornam claros sobre a natureza do pecado de uma perspectiva encarnacional.

Com isso, encerramos. Mais algumas páginas. Primeiro, a perspectiva apoia nossa alegação inicial de que a ausência de pecado é a violação de um mandamento específico de Deus.

As características essenciais do pecado aparecem na escolha de desobedecer a Deus. O movimento de Adão ou Cristo da obediência para a desobediência possuía duas dimensões separadas e distintas. A primeira é a rejeição do comando e daquele que o emitiu.

Nesse sentido, o pecado é uma declaração perpétua da liberdade humana de Deus. A outra dimensão é a afirmação de direitos pessoais ao estabelecer um curso moral independente. Qualquer ato de desobediência de Jesus teria possuído essas duas características.

O pecado então é tanto desconsideração quanto desafio. Ele desconsidera os direitos e a posição do criador e desafia o criador ao cruzar um limite que ele estabeleceu. A cena é muito parecida com o barro se levantando contra o oleiro e usurpando o direito do oleiro sobre ele.

Romanos 9.21. Na cruz de Jesus, no caso de Jesus, o pecado só teria ocorrido se ele tivesse agido por sua própria autoridade em desafio ao propósito do pai. No contexto da tentação, não era pecado para ele desejar satisfazer sua fome. Quando Satanás propôs transformar as pedras em pão, ou qualquer outro convite para esse assunto, ele seria verdadeiramente humano e não desejaria o pão? Ou o mesmo

para a autoestima? Ou a libertação daqueles que ele veio salvar? É somente no ato que o pecado é encontrado e definido para nós.

Segundo, de uma perspectiva pós-queda, o pecado tem muitas expressões. Atitudes, motivos, pensamentos, palavras e ações, feitos e desfeitos, são todos chamados pecados na Bíblia. Mas da perspectiva de Jesus na queda de Adão, a raiz da qual todos os pecados emergem é um ato histórico de rebelião contra Deus.

Assim, a violação do pacto de Adão torna todas as expressões de pecado violações do pacto. Meu filho trabalha em uma faculdade local como diretor intramural. Entre suas responsabilidades está supervisionar o uso das instalações pelos alunos para basquete e outras atividades.

Recentemente, ele fechou as instalações esportivas por causa de outra atividade no campus. Alguns alunos decidiram jogar basquete e, como as instalações estavam trancadas, foram arrombados. Quando meu filho chegou, os alunos estavam bem comportados, tratando as instalações da faculdade com respeito, como se ele estivesse lá o tempo todo.

Um problema permaneceu. Eles violaram as regras ao invadir. Portanto, tudo o que fizeram depois disso foi uma violação.

Eles estavam do lado errado das regras. Assim como nós em Adão. Estamos do lado errado de uma aliança quebrada e, portanto, tudo o que fazemos, pensamos ou sentimos é uma violação contínua dessa aliança.

E toda violação de aliança é pecado. Finalmente, o pecado é essencialmente uma contradição. Visto de uma grade pré-queda, Jesus enfrentou a incongruência máxima.

Ele não tinha desejo de desobedecer ao pai. Em vez disso, ele o amava e desejava apenas honrá-lo. Imagine encarar a pessoa que você mais ama e segurar na mão uma pistola carregada.

Então alguém lhe diz para atirar nele. Só de pensar nisso você é repulsivo, mas você ainda tem a escolha. Pecado é escolher seguir a contradição.

Além disso, não havia base racional para pecar para Jesus. Sem nada a ganhar com isso e tudo a perder, ainda era uma opção. Jesus não tinha nenhum ponto fraco em sua vontade ou direção moral que criasse uma propensão ao pecado.

João 8, o príncipe deste mundo está chegando, e ele não tem nada em mim. Acho que fala exatamente disso. No entanto, Jesus possuía uma prerrogativa de escolher.

Essa escolha errada é um pecado. Felizmente, o apóstolo Paulo nos oferece boas novas. Mesmo assim, por meio de um ato de justiça, resultou justificação de vida para todos os homens.

E pela obediência de um, muitos serão feitos justos. Romanos 5:18 e 19. Conclusão.

Falhas morais têm um ponto sem volta. A palavra que me assombra às vezes é não. Com cada decisão ruim, posso ouvir as palavras ecoando na minha mente.

Simplesmente não faça isso. O pecado é assim. Uma palavra é dita às pressas, impossível de ser recuperada.

Um clique do mouse e a pessoa entra no mundo da pornografia ou apostas online ou medicamentos ilegais prescritos. Simplesmente não faça isso. Algumas decisões têm consequências mais devastadoras.

Puxar o gatilho, deixar seu cônjuge, entregar sua virgindade ou talvez apertar o botão para lançar uma arma nuclear. Há um ponto sem retorno. Na questão do pecado, Cristo deixa isso perfeitamente claro.

Cristo deixou o céu e entrou no contexto histórico de antes e depois da humanidade. Cada decisão que ele tomou na terra teve um antes e um depois. Cristo é a imagem de Deus.

Ele era justo. A justiça era uma característica constituinte de sua natureza. Não porque ele era o Deus encarnado, mas porque ele era totalmente humano, como Deus pretendia que fôssemos.

Sua retidão lhe concedeu um relacionamento especial com Deus. Também lhe ofereceu a liberdade de agir moralmente que nós, pecadores, não temos. Cristo tinha a capacidade de mudar sua disposição básica para com Deus.

Tudo o que ele precisava fazer era afirmar seu direito pessoal de agir independentemente de Deus e se recusar a se submeter à sua vontade. Estamos propondo que Adão possuía a mesma liberdade para agir. Ele era justo e desfrutava de um relacionamento transparente com o criador, mas tinha a capacidade de se afastar desse relacionamento por um ato de rebelião, e ele o fez.

Também sabemos, estudando a vida de Cristo, que Adão não era um fracote moral. Ele não foi enganado como Eva, 1 Timóteo 2:9 a 15. Ele agiu deliberada e maliciosamente.

Ele não cedeu a uma fraqueza em sua natureza ou seus motivos. Podemos nunca entender completamente a razão de sua ação, mas o fato disso é incontestável. Ele cruzou a linha.

Cruzar a barreira moral de Deus é pecado. Adão passou do ponto final sem retorno. Seu ato traiçoeiro é subsequentemente replicado em cada atitude pecaminosa e motivo traiçoeiro que possuímos e em cada pensamento, palavra e ação ímpios que cometemos.

A raiz de todo pecado e a essência do pecado em si é o ato de se afastar de Deus em rebelião, uma revolta que continua até o momento presente. Graças a Deus que a revolta será derrotada e a rebelião será julgada e punida apropriadamente. Isso conclui nossa introdução à doutrina do pecado, ensaios de DA Carson e John Mahoney.

Em nossa próxima palestra, trabalharemos com a Bíblia, especialmente lidando com a questão da questão negligenciada, eu poderia dizer, do pecado original.

Este é o Dr. Robert A. Peterson e seu ensinamento sobre as doutrinas da humanidade e do pecado. Esta é a sessão 12, Descrição Bíblica do Pecado Continuado, A Queda, Cristo e o Pecado.